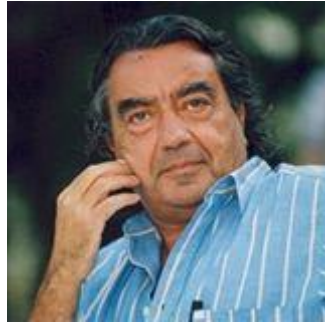


Hélder Costa



Hélder Costa é um reconhecido encenador, dramaturgo, ator teatral, escritor e ativista cívico nascido em Grândola em 6 de Janeiro de 1939.

De seu nome completo Helder Mateus Pereira da Costa, estudou Direito em Lisboa e em Coimbra, onde colaborou com o Círculo de Iniciação Teatral e Académica de Coimbra (CITAC) e presidiu ao grupo Cénico de Direito, que recolheu duas menções honrosas no Festival Mundial de Teatro Universitário de Nancy (1966-1967).

Estudou Direito em Lisboa e Coimbra, é licenciado pela Faculdade de Letras / *Institut d'Études Théâtrales* – Sorbonne, Paris.

Perseguido pelo regime político fascista exilou-se em França em 1970, onde fundou o grupo Teatro Operário de Paris que desenvolveu um vasto trabalho de encenação.

Após o 25 de Abril de 1974 regressa a Portugal onde foi um dos membros fundadores do grupo de teatro “A Barraca” (prémio UNESCO em 1992), onde atualmente é encenador e diretor artístico. O grupo tem levado à cena textos seus e de autores como Gil Vicente, Dário Fo, Ribeiro Chiado, Brecht, Mrozeck, Ettore Scola, Fassbinder, Woody Allen, Lope de Vega, Ionesco ou Molière.

De entre as muitas peças teatrais escritas por Helder Costa e levadas à cena por “A Barraca” destacam-se *Zé do Telhado* (1978), *A Camisa Vermelha*, *A Viagem e D. João VI* (1979); merece realce a peça *Liberdade, Liberdade* (de Milor Fernandes e Flávio Rangel), com a colaboração de Luiz Francisco Rebelo. Grande parte das suas dramaturgias são também baseadas em textos de autores portugueses contemporâneos e quincentistas, como *Histórias de fidalgoes e alcoviteiras, pastores e judeus, mareantes e outros tratantes sem esquecer suas mulheres e amantes* (1976 - textos de Gil Vicente e Ruzante), *Um Homem é um Homem* (1985 - Damião de Góis), *António Aleixo - este livro que vos deixo* (António Aleixo), *Fernão, Mentos?* (1981 – Fernão Mendes Pinto).

Hélder Costa dirigiu cursos e ações pedagógicas e participou em congressos e festivais em vários países como França, Alemanha, Suíça, Argentina, Cabo Verde, México, Colômbia, Venezuela, EUA, URSS, Chile e Itália. Pertence ao corpo pedagógico da *Escuela Internacional de Teatro da América Latina y Caribe*.

Dos prémios nacionais e internacionais que recebeu ao longo da sua vasta carreira destacam-se o Grande Prémio de Teatro da RTP (*Damião de Góis*), o da Associação de Críticos (*É menino ou menina*), o da Casa da Imprensa (*Fernão Mentos?*), o do Festival STIGES (*Zé do Telhado*, melhor espetáculo e *D. João VI*, melhor texto), o Prémio da Associação de Atores e Diretores da Catalunha e o 1º Prémio no 1º Festival Internacional da Ciudad de México (*Dancing*).

Das várias obras editadas referem-se *O Inocentável*, *Queres ser ministro?*, *BushLândia*, *Nau Catrineta*, *Marilyn, meu amor*, *O Príncipe de Spandau*, *Mi Rival*, *Um homem é um homem – Damião de Góis* e *O Saudoso Tempo do Fascismo - introdução ao riso e à memória*, edição Parvoíces (2005).

A Câmara Municipal de Grândola atribuiu em 2004 a Helder Costa a Medalha de Mérito Municipal.

Referências

SALVADOR, José A. - O Rosto da Utopia . Lisboa: Terramar, 1994. ISBN 972-710-091-0.

Personalidades. Câmara Municipal de Grândola - <http://www.cm-grandola.pt/PT/Concelho/Personalidades/Documents/PERSONALIDADES.pdf>. Consulta em 2014-02-10.

Hélder Costa Escritor, Dramaturgo, Encenador e Actor. Entrevista de António Pinheiro e Luz Neto a Helder Costa em revista “Pessoas” n.º 26, Junho.2007, Geneve - http://www.livraria-camoes.ch/documentos/revistas/pdf_k_pessoas_469ceb1a138b5.pdf. Consulta em 2014-02-10.

Hélder Costa. Wikipédia - http://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%A9lder_Costa. Consulta em 2014-02-10.

Hélder Costa. Infopédia - [http://www.infopedia.pt/\\$helder-costa](http://www.infopedia.pt/$helder-costa). Consulta em 2014-02-10.

Hélder Costa. Blogue Rua de Baixo.com - <http://www.ruadebaixo.com/helder-costa.html>. Consulta em 2014-02-10.

Helder Costa. Facebook - <https://www.facebook.com/helder.costa.7921>. Consulta em 2014-02-10.

Cinzento esconjurado. Blogue Passado/Presente- a construção da memória no mundo contemporâneo” - <http://ppresente.wordpress.com/textos/cinzento-esconjurado/>. Consulta em 2014-02-10.

Sítio do Teatro A Barraca - <http://www.abarraca.com/>. Consulta em 2014-02-10.

**Helder Costa e José Afonso –
“Grândola Vila Morena”**

E Grândola?

Bom, naquela altura enfiava-me nos buracos que me aparecessem, no meio de bailes, casamentos, cantava por minha conta e risco. Respondia pelos meus actos. As coisas vão tomando corpo quando recebo um convite da “Música Velha” de Grândola, assinado pelo Zé da Conceição, que estava ligado ao teatro local orientado pelo Hélder Costa.

O Hélder era do Prá-quis-tão. Foi teu colega em Coimbra?

É-me posterior, embora eu o conhecesse como um tipo das lutas de Coimbra. Fiquei brutalmente satisfeito com o convite para cantar na “Música Velha”. Meti-me no comboio com a Zélia e aí encontro-me com o Carlos Paredes, que também tinha sido convidado. Foi a primeira vez que conheci o Paredes e, então, fiquei extremamente impressionado com a colectividade: num local obscuro, quase sem estruturas nenhuma, com uma biblioteca de evidentes objectivos revolucionários, uma disciplina generalizada e aceite entre todos os membros, o que revelava já uma grande consciência e maturidade políticas. Nem cheguei a conhecer quem era o director, quem era afinal o fiscal, mas tudo aquilo corria sobre rodas. Foi nestas circunstâncias que conheci o Zé da Conceição, que me impressionou, assim como os seus colaboradores. O meu contacto com a “Música Velha” antes de ir para África foi extremamente importante, e foi a partir daí que fiz a *Grândola, Vila Morena*, pequena homenagem à Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense. Mais tarde voltei a encontrar o Zé da Conceição em Viana do Castelo, onde havia o Clube Fluvial com características semelhantes à “Música

(...)

SALVADOR, 1994

O exílio

(...)

Fugir de Portugal, também não foi fácil, pois não?

Foi uma aventura muito gira, a minha fuga.

Atravessei a nado o Guadiana, e depois foram uma série de coincidências fantásticas, uma série de peripécias até Paris. Acabei por chegar no meio de Agosto. Puxei dos contactos franceses que tinha...não estava lá ninguém! Eram férias! Fui então onde a malta toda ia, à livraria Maspéro do Quartier Latin. Meto-me pelo Quartier fora e, coisa incrível, encontro um gajo que eu tinha ajudado a fugir há um ano antes. É o primeiro contacto.

Às vezes, passava por Paris, quando ia ao Festival Mundial de Teatro e ele e outros, sempre que passava, diziam-me: “Eh pá! Tu tens que ficar em Paris para fazermos umas coisas” e agora, repetia o mesmo; “Eh pá! Fica cá para fazermos umas coisas”, e eu, “Tá bem! Desta vez fico”.

Não tinha nada comigo, nada. Os sujeitos que tinham que me passar a mala para o outro lado da fronteira, tiveram um acidente, de maneira que fiquei sem nada. Comprei uma pasta de dentes, uma camisinha, que ainda tenho... Cheguei lá na miséria absoluta!, mas à noite, já tinha três camisas, quatro calças e comecei logo a trabalhar, num hotel.

Logo no dia seguinte encontro o Zé Mário Branco (tinha fugido em 61), somos velhos amigos, de Coimbra. Fui logo viver para casa dele.

Já o tinha encontrado uma vez aquando da minha ida ao Festival de Teatro, e eu: “Eh pá! O que é que fazes?”; ele, “ando preocupado com coisas de cultura!”.

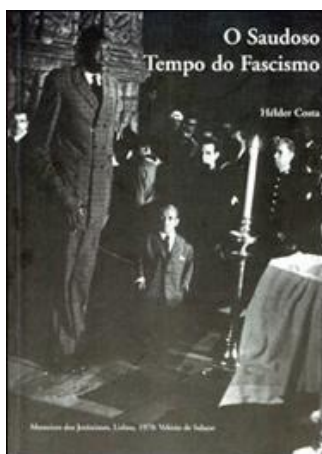
Fiquei muito surpreendido: “cultura?”... Ele só falava de política!

Quando voltei, já foi em 67, então assisti, lá em casa, à primeira canção “O soldadinho”. Já tinha assistido à primeira do Zeca Afonso “O meu menino é d’ouro”, caramba! Tive a sorte de ir assistindo a essas primeiras e emblemáticas canções de intervenção, dessa malta...

(...)

Entrevista de António Pinheiro e Luz Neto a Helder Costa em revista “Pessoas”, Junho.2007

Cinzento esconjurado



Se por outra razão não fosse, *O Saudoso Tempo do Fascismo*, de **Hélder Costa**, valeria pela capa: uma foto do gigante de Manjacaze e do anão de Arcozelo – respectivamente, o homem mais alto e mais baixo do mundo, segundo certas edições do *Guinness Book of Records* – no velório de Salazar. Lado a lado, em pose tensa e respeitosa, estes filhos que a nação passeou como aberrações, vêm dar o último adeus ao ditador. Por detrás da luz central – a vela acesa de um círio – descobrem-se, perfiladas, as forças (ainda) vivas: um chapéu da polícia militar, um lenço da Mocidade Portuguesa, os botões reluzentes de uma farda composta.

O livro é, obviamente, mais do que o seu delicioso embrulho. Escrito naquele tom descontraído de quem domina a velha arte de contar histórias, *O Saudoso Tempo do Fascismo* é uma colectânea de relatos situados na fronteira entre o memorialístico, o pedagógico e o humorístico. Recortes do tempo que falam dos bailes e do «arame farpado», da emancipação das mulheres, das críticas à praxe coimbrã, das arrogâncias do poder e do seu escarnecimento, das experiências teatrais, da contestação à guerra colonial, das peripécias que rodearam um inevitável «salto» para Paris. Histórias contadas com uma deliciosa dose de humor e ironia. Veja-se o exemplo da tentativa de captura do autor pela PIDE – «15 gajos de metralhadoras, partiram os teus móveis, levaram tudo» – que Hélder Costa recorda do seguinte modo:

Comecei a rir, a pensar no ódio dos Pides quando entraram no meu quarto. Eu tinha preparado um cenário para lhes fazer perder a paciência. Em cima da secretária, um livro aberto de Mao Tsé-Toung sobre tácticas de guerra, e em cima do guarda-fato tinha posto um pacote com a indicação «não mexer». Dentro do pacote estava um enorme caralho das Caldas, com um lacinho cor de rosa... coitados, é natural que me tivessem partido a mobília... um grupo de bons rapazes amantes da Pátria e tementes a Deus, católicos, apostólicos, Romanos, com certeza habituados a transportar o andor em Fátima, funcionários da toda impune, poderosa e terrífica Polícia de Investigação e Defesa do Estado, a serem gozados por um puto estudante de Direito!

Editado pela *Parvoíces* – que é como quem diz, por obra e graça do escriba – o livro ocupa cerca de duas horas de leitura, que é mais ou menos o tempo necessário para que o riso e a memória esconjurem os tons cinzentos da época.

“P a s s a d o / P r e s e n t e - a construção da memória no mundo contemporâneo”

Galeria de fotos



Zé do Telhado, 1978 (<https://www.facebook.com/helder.costa.7921>)



Helder Costa com José Afonso, Carlos Antunes, Artur Semedo e Isabel do Carmo. (SALVADOR, 1994)

ACHALE



Outubro 2013 (<https://www.facebook.com/helder.costa.7921>)



Encontros Imaginários (Sociedade Civil) com Damião de Gois, Mussolini e Marilyn Monroe — com Carlos Matos Gomes, Helder Costa, Catarina Furtado, Catarina Furtado, Laborinho Lúcio, Mafalda Furtado e A Barraca Teatro em A Barraca. (<https://www.facebook.com/helder.costa.7921>)